

# Sujeitos de referência definida e arbitrária: Aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão<sup>1</sup>

Maria Eugênia Lamoglia Duarte\*

**Resumo** – O texto compara resultados obtidos para a representação do sujeito pronominal de 3ª pessoa e do sujeito indeterminado na língua escrita veiculada em jornais cariocas com os obtidos para a fala culta e popular. No que diz respeito ao sujeito referencial, a escrita se revela como uma gramática inovadora, que já incorpora os sujeitos referenciais plenos, sem, contudo reproduzir os mesmos índices da fala. Em relação aos sujeitos indeterminados, a escrita mostra uma gramática mais conservadora, que recupera formas de indeterminação em desuso na fala, fazendo ressurgir, além do clítico apassivador/indeterminador **se**, o uso expressivo do pronome **nós**, que mantém o nível de formalidade desejado sem envolver a complexidade do clítico. Os resultados trazem evidências para a hipótese levantada por KATO (2005), para quem a gramática do letrado seria fixada de forma diferente da nuclear, mas com acesso a um conhecimento periférico à Gramática Universal.

**Palavras-chave** – Fala e escrita. Sujeitos referenciais. Mudança paramétrica. Parâmetro do sujeito nulo. Aquisição de L2.

## 1. Introdução

A análise aqui apresentada toma como ponto de partida os resultados obtidos para a representação do sujeito pronominal de referência definida e de referência arbitrária em sentenças finitas com base nas amostras NURC-RJ e PEUL, que ilustram a fala carioca nas variedades “cultas” e “populares”, servindo os dois adjetivos apenas para distinguir a fala de indivíduos com curso universitário concluído daqueles que cursaram o Ensino Fundamental e/ou o Ensino Médio. Esses resultados são com-

---

\* Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Pesquisadora do CNPq. E-mail: eugenia@brazilmail.com.

parados com os obtidos para a escrita padrão, aqui representada por textos de opinião, crônicas e reportagens publicados na imprensa carioca.

Para que não se perca de vista a natural distância que separa as modalidades falada e escrita e se possa discutir a mudança, os resultados para o português Brasileiro (PB) serão confrontados com os obtidos para o português europeu (PE) falado e escrito, através de análise de amostras comparáveis às do PB<sup>2</sup>.

O objetivo é buscar evidências da implementação, na escrita, de mudanças observadas na fala e, ao mesmo, tempo, refletir sobre a forma como a escrita recupera formas que já não fazem parte dos dados a que a criança está exposta durante o processo de aquisição. Os resultados fornecem subsídios para uma reflexão sobre a implementação da mudança na escrita, por um lado, e convidam a uma investigação sobre a gramática do indivíduo letrado, por outro (KATO 2005).

## 2. Sujeitos de referência definida de 3ª Pessoa

### 2.1. A fala

A análise dos sujeitos referenciais considerou apenas os sujeitos de 3ª pessoa. Além de estes serem os mais freqüentes nos gêneros jornalísticos contemplados, são também eles os mais resistentes ao processo de mudança em curso no PB, em direção ao sujeito pronominal expresso (DUARTE 1995). Entre as possíveis explicações para essa maior resistência do sujeito nulo de 3ª pessoa, em relação aos de primeira e segunda, estão o traço [+/-animado] do referente e a forma de identificação de uma categoria vazia com um antecedente de 3ª pessoa. Em relação à animacidade, CYRINO, DUARTE, KATO (2000) observam que esse fator se mostra extremamente relevante em processos de mudança que implicam a expressão ou o apagamento de pronomes: no caso em questão, o pronome expresso se implementa mais rapidamente na primeira e segunda pessoas, que têm o traço inerentemente [+humano], e é mais lenta na 3ª, em que podem variar os traços [+/-humano], [+/-animado] e [+/-específico]. Quanto à forma de identificação de um sujeito vazio de 3ª pessoa, esta conta sempre com a presença de um antecedente no contexto lingüístico, cuja função sintática (igual ou diferente) e CUJA presença em sentença adjacente ou não-ADJACENTE tem função importante na

forma de realização do sujeito. Como se verá a seguir, a relevância desses dois grupos de fatores se faz evidente nos pesos relativos obtidos nas análises da fala e da escrita.

As análises da língua oral provêm de três fontes: (a) para o PE são utilizados os resultados de DUARTE (1995), baseados em inquéritos publicados em NASCIMENTO et al. (1987), com falantes distribuídos por três níveis de escolaridade; (b) para o PB culto, toma-se igualmente a análise de DUARTE (1995), a partir de doze entrevistas do projeto NURC-RJ, colhidas em 1992; (c) para a fala popular, utiliza-se a análise de DUARTE (2003), com base em duas amostras da fala carioca, estratificadas segundo a escolaridade (Ensino Fundamental 1 e 2, e Médio) e a idade. Tais amostras foram colhidas pelo Projeto PEUL em dois momentos separados por um intervalo de cerca de dezoito anos (inícios dos anos 80 e anos de 1999 e 2000), para empreender um tipo de estudo da mudança em tempo real de curta duração, a que nos referimos como “estudo de tendência” (LABOV 1994)<sup>3</sup>. Todas as análises levaram em conta a mesma metodologia, que excluiu as coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes, uma vez que a omissão de um sujeito em tais contextos não é propriedade exclusiva das línguas de sujeito nulo.

A Tabela 1 apresenta os resultados desses trabalhos, tomando como valor de aplicação a ocorrência do sujeito realizado foneticamente:

Tabela 1 - Sujeitos expressos de 3<sup>a</sup> pessoa na língua oral

3a. pessoa	PE	PB (NURC)	PB (PEUL-1980)	PB (PEUL-2000)
3 <sup>a</sup> . p. s.	80/285 28%	254/419 61%	1244/1545 81%	1042/288 81%
3 <sup>a</sup> . p. p.	34/132 26%	83/127 65%	274/339 81%	303/369 82%

Esses números revelam que há, de fato, uma profunda diferença quantitativa entre o PE e o PB na modalidade oral. Enquanto naquela variedade, é possível perceber que o falante realmente “evita” os pronomes expressos, obedecendo a um princípio funcional que subjaz às chamadas línguas românicas de sujeito nulo (RIZZI 1988)<sup>4</sup>, nesta se vê o oposto: uma variedade em que o não marcado (em termos de frequência) é o sujeito expresso.

Observemos primeiramente que há bastante regularidade entre a 3ª pessoa do singular e do plural em todas as amostras; ou seja, a existência de uma morfologia distintiva para a 3ª pessoa do plural (nem sempre realizada nas amostras do PEUL, a depender do nível de escolaridade do falante, e mais freqüente, embora não categórica, na amostra NURC) não parece interferir na expressão do sujeito. Não admira, pois, que em todas as rodadas do Programa Varbrul, feitas para buscar os grupos de fatores que poderiam contribuir para a realização do sujeito (nulo ou pleno), o grupo relativo à flexão verbal [+/-distintiva] tenha sido sistematicamente rejeitado<sup>5</sup>.

Em relação ao PE, os índices de sujeito expesso, 28% e 26%, revelam um comportamento de língua que privilegia o sujeito nulo, o que se espera de um sistema [+*pro-drop*]. O PB, por outro lado, mostra comportamento oposto, com preferência pelos sujeitos plenos. Chama a atenção, entretanto, a diferença percentual de cerca de 20% entre os resultados obtidos com as amostras NURC e PEUL: o sujeito expesso alcança índices mais altos na fala popular, com resultados que se polarizam com os do PE.

O índice de 61% de sujeitos nulos de 3ª pessoa do singular revelado na análise da amostra NURC (DUARTE 1995), quando distribuído pelas três faixas etárias, sugere mudança em “tempo aparente”: os falantes do grupo mais velho da amostra, com idade superior a 46 anos na amostra analisada, apresentam um índice de 50% de sujeitos preenchidos de 3ª pessoa, bem inferior aos apresentados pelos dois grupos mais jovens (65% e 71%), aproximando-se esse último grupo dos falantes das amostras PEUL<sup>6</sup>. O estudo em “tempo real” do tipo “tendência” com base nas amostras PEUL revela, ao lado dos altos índices de preenchimento, estabilidade na comunidade nos últimos dezoito anos (DUARTE 2003). O estudo em tempo real realizado por Bravin dos SANTOS (2006) confirma na fala culta a mesma estabilidade nos últimos vinte anos.

Entre os fatores estruturais selecionados como relevantes para a realização da variável na fala (sujeito pleno vs nulo), os dois grupos mencionados no início desta seção têm sido sistematicamente selecionados: as condições de referência (ou seja, a função do antecedente e a adjacência ou não das orações em que se encontram o sujeito e seu antecedente) e o traço semântico [+/-animado] do referente. No que diz respeito ao primeiro grupo, a manutenção ou a mudança de

referência do sujeito são fundamentais na omissão ou expressão de um pronome sujeito nas línguas que têm tal opção. Esse fator, cuja importância foi destacada em diversos estudos funcionalistas sobre variedades do espanhol peninsular e americano (cf. entre outros CAMERON 1993), foi refinado por PAREDES SILVA (1988, 2003) em diferentes graus de conexão, do mais estreito para o mais frouxo, em suas análises para a realização do sujeito na escrita e na fala, respectivamente. Os resultados desses trabalhos mostram que os índices de preenchimento do sujeito são mais altos quando há **mudança** de referência, isto é, o antecedente do sujeito em questão **não** é o mesmo, e quando, mesmo mantendo o referente, há material interveniente entre o sujeito e seu antecedente, isto é, não há adjacência sintática entre as orações que contêm o sujeito e seu antecedente. Trata-se, pois, de um fator sintático/estrutural com conseqüências na interpretação/identificação de um sujeito nulo (esses diferentes padrões serão exemplificados na seção 2).

Os resultados para as condições de referência obtidos na análise das amostras PEUL (DUARTE 2003) se encontram resumidos na Tabela 2:

Tabela 2 - Sujeitos preenchidos e as condições de referência - Estudo de Tendência<sup>(1)</sup>

Grupo de Fatores	Amostra 1980		Amostra 2000	
	%	P.R.	%	P.R.
Condições de referência				
Manutenção de referência	78	.45	80	.48
Mudança de referência	91	.71	82	.57

(1) Adaptada da Tabela 10 de DUARTE (2003, p. 123)

A diferença observada nos pesos relativos para o primeiro momento analisado (Amostra 1980), de **.26**, confirma a relevância da mudança de referência na realização fonética do sujeito. Essa diferença, entretanto, passa a apenas **.09** no segundo momento analisado (Amostra 2000), um valor considerado irrelevante na atuação de um ou outro fator (cf. PAIVA; DUARTE, 2003), sugerindo que, à medida que a mudança em direção ao preenchimento do sujeito progride, esse grupo vai perdendo a força como contexto de resistência do sujeito nulo.

Os resultados para o segundo fator selecionado sistematicamente nas pesquisas aqui relatadas podem ser vistos na Tabela 3, que, mais uma vez, apresenta os resultados para a fala popular:

Tabela 3 – Sujeitos preenchidos e o traço de animacidade do referente –  
Estudo de Tendência <sup>(1)</sup>

Grupo de Fatores	Amostra 1980		Amostra 2000	
	%	P.R.	%	P.R.
[+ animado]	82	<b>.52</b>	83	<b>.57</b>
[- animado]	67	<b>.31</b>	54	<b>.48</b>

(1) Adaptada da Tabela 11 de DUARTE, 2003, p. 124

Aqui ficam mais evidentes as diferenças nos valores percentuais, que revelam um claro favorecimento do traço [+animado] na implementação do pronome expresso. Da mesma forma que foi visto na Tabela anterior, entretanto, nota-se uma diminuição na diferença entre os pesos relativos obtidos para cada sincronia: de **.21** na primeira, passamos a **.09**, mais uma sugestão de enfraquecimento progressivo do efeito desse grupo no processo de mudança.

Ainda levando em conta a modalidade oral, mas num nível de formalidade mais alto, a análise comparativa de BARBOSA; DUARTE; KATO (2001, 2005), cujos dados vêm de **entrevistas transcritas** em jornais e revistas brasileiros e portugueses, confirma, de um lado, a diferença entre as duas variedades e, de outro, a relevância das condições de referência e do traço de animacidade do referente do sujeito. Seguindo a mesma metodologia de DUARTE (1995, 2003), que não considera as seqüências coordenadas com sujeitos correferentes, as autoras encontram índices gerais de 22% de sujeitos preenchidos de 3ª pessoa no PE e 56% no PB. Se compararmos tais índices aos apresentados na Tabela 1, verificaremos que a fala espontânea do PE (27% em média de sujeitos plenos) não se diferencia muito da fala supostamente “menos espontânea”, e possivelmente editada, das entrevistas publicadas em jornais e revistas. Quanto ao PB, temos bastante proximidade entre os índices para as entrevistas transcritas (56%) e a fala culta (média de 63%), mas uma razoável distância em relação à fala popular (81%).

Pode-se, a partir do que foi aqui resumido, apontar diferenças quantitativas e qualitativas na representação do sujeito de 3ª pessoa no português europeu e no brasileiro. E é com base nesses resultados que se realizou a análise da escrita padrão, que passa a ser descrita na seção seguinte.

## 2.2 A escrita

Vejam os a representação do sujeito de referência definida na escrita padrão (textos jornalísticos de opinião e notícias). A Tabela a seguir apresenta os resultados gerais para PE e PB:

Tabela 4 - Sujeitos preenchidos de 3ª pessoa na escrita padrão - PE e PB

PE (input: .07)	PB (input: .51)
17/244 (7%)	122/241 (51%)

Tal como foi visto para a fala, é expressiva a distância que separa as duas variedades na escrita. Considerando que a fala brasileira apresenta entre 63% e 81% de sujeitos de 3ª pessoa realizados foneticamente, a escrita padrão, com 51% de sujeitos preenchidos, já se encontra em patamares próximos aos da fala culta (63%), mas ainda distantes dos da fala popular (81%). A escrita portuguesa, por outro lado, apresenta apenas 7% de preenchimento, distanciando-se vinte pontos percentuais da fala. Vejamos os grupos de fatores considerados relevantes para a realização do sujeito:

Tabela 5 - Sujeitos preenchidos de 3ª pessoa na escrita padrão - PE e PB  
Fatores selecionados

PE	PB
Gênero textual	Condições de referência Animacidade Verbo <i>ser</i> vs outros verbos

A seleção feita pelo programa (VARBRUL) em relação ao PB confirma a relevância dos fatores apontados nas análises da língua oral: as condições de referência e o traço semântico [+/-animado] do referente foram os dois primeiros grupos selecionados; quanto ao tipo de verbo, a influência do verbo *ser* na realização da variável foi sugerida pelo estudo de BRAVIN DOS SANTOS (2006). No que se refere ao PE, a seleção de um único grupo, o gênero textual, é eloqüente, uma vez que situa a questão num campo mais estilístico do que propriamente gramatical. Examine-

mos esses fatores, observando os percentuais de aplicação do sujeito expresse e os pesos relativos<sup>6</sup>.

Em relação às condições de referência, a presente análise utilizou, em vez de dois, quatro padrões propostos em BARBOSA; DUARTE; KATO (2001; 2005): dois para manutenção de referência e dois para mudança de referência. Cada padrão é ilustrado nos exemplos a seguir, para cada variedade (PE e PB), apresentando um sujeito nulo em (a) e um sujeito expresse em (b):

**Padrão I: Sujeito e antecedente correferentes em estruturas subordinadas**

- (1) a. E quando, doze anos depois da sua morte, [os herdeiros]<sub>i</sub> quiseram recuperar o seu corpo e transladá-lo do cemitério do hospício, [Ø]<sub>i</sub> não encontraram os seus restos mortais (PE – opinião).  
 b. Pode reconhecer-se que [MRS]<sub>i</sub> aproveitou aqui e ali para para atacar políticos que [ele]<sub>i</sub> acha desqualificados (PE – opinião).
- (2) a. Durante a solenidade, [César Maia]<sub>i</sub> anunciou um pacote de obras que [Ø]<sub>i</sub> autorizou para a Barra e o Recreio, já pensando na realização dos Jogos Pan-Americanos (PB – notícia).  
 b. [Ele]<sub>i</sub> explicou que à tarde [ele]<sub>i</sub> vai se dedicar a fazer uma avaliação de todas as alternativas de perguntas (PB – notícia).

**Padrão II: Antecedente na cláusula adjacente na mesma função**

- (3) a. [A miúda]<sub>i</sub> era bonita, obstinada, coxa, talentosa e adorada pelo pai. [Ø]<sub>i</sub> Começou a esculpir sem estudos, e, aos doze anos, moldou em barro uma cena tão perturbadora que chamou a atenção de uma artista (...) (PE – opinião).  
 b. [Susana]<sub>i</sub>, a loira, veio afinal sozinha, no final do congresso. [...] A certa altura, porém, [Ø]<sub>i</sub> estancou. [Ø]<sub>i</sub> Olhou-nos aos três com pormenor, rodou várias vezes a cabeça e depois fixou o olhar em mim. (...) [Ela]<sub>i</sub> pareceu gostar, continuou com o olhar muito fixo em mim e depois perguntou: “O que é ‘capacete?’” (PE – opinião).
- (4) a. Gecilda é a Clara Mataro deste “Big Brother”. A casa do programa não é um sanatório e [ela]<sub>i</sub> aparenta boa saúde. Mesmo assim, em duas ou três semanas [Ø]<sub>i</sub> estará “curada” e deverá interromper sua “breve vacanza” (PB – opinião).

- b. [Essa espécie de legítima defesa preventiva]<sub>i</sub> seria explicada pelas desvantagens enfrentadas pelos policiais. [**Ela**]<sub>i</sub> compensaria fatores de risco (PB – Notícia).

**Padrão III: Sujeito e antecedente na mesma função mas em cláusulas não adjacentes (as orações que quebram a adjacência se encontram sublinhadas)**

- (5) a. [A televisão russa]<sub>i</sub> passou apenas imagens sem som dos dois presidentes – Ieltsin, de casaco de malha cinzento, não parecia especialmente abatido ou doente –, ao mesmo tempo que [Ø]<sub>i</sub> referia que os dois presidentes analisaram problemas importantes, como o “incremento das relações econômicas [...]” (PE – notícia).
- b. [Susana]<sub>i</sub>, a loira, veio afinal sozinha, no final do congresso. Hoje, gosto de pensar que isso queria dizer alguma coisa – que [**ela**]<sub>i</sub> se deixara seduzir pela profundidade do meu pensamento, que entendera a atrapalhação inicial como parte da minha angústia e, bem pesadas as coisas, apenas pretendia levar-me para a cama (PE – opinião).
- (6) a. [As entidades]<sub>i</sub> não usam o argumento que em tese seria decisivo: sem o curso de jornalismo não se está tecnicamente apto a exercer a profissão. [Ø]<sub>i</sub> Preferem associar a posse do diploma à capacidade de defender “grandes causas”, ter postura ética adequada e ser contra a manipulação de informações (PB – opinião).
- b. Foi numa delas que [Tom e Vinícius]<sub>i</sub> atualizaram a marchinha. *Saçarico fazia a vovozinha*. [Eles]<sub>i</sub> traduziram o *show* do brotinho passando na porta da Colombo para o vem-e-que-passa da *Garota de Ipanema* (PB – notícia).

**Padrão IV: Antecedente com outra função sintática**

- (7) a. Chamavam-[lhe]<sub>i</sub> assim porque, como que por magia, [Ø]<sub>i</sub> tinha sempre “guita” no bolso (PE – opinião).
- b. A avaliação positiva ou mesmo muito positiva do currículo profissional [de um ministro]<sub>i</sub> conta pouco como garantia de que [**ele**]<sub>i</sub> venha a ser um bom político (PE – opinião).

(8) a. Ninguém precisa levar [um gato]<sub>i</sub> à escola, conferir os seus deveres de casa, checar se [Ø]<sub>i</sub> escovou os dentes antes de ir para a cama [...] (PB – opinião).

b. A França se prepara para o ataque [ao inimigo]<sub>i</sub>. Sabe que [ele]<sub>i</sub> se aproxima, mas não sabe exatamente quando aparecerá (PB – opinião).

Examinemos os resultados para esse grupo de fatores na tabela a seguir:

Tabela 6 – Sujeitos preenchidos de 3ª pessoa na escrita – PE e PB e as condições de referência

Padrão	PE			PB		
	Apl./Tot.	%	PR	Apl./Tot.	%	PR
I	4/87	5%	.46	18/66	27%	.24
II	5/105	5%	.41	55/109	50%	.48
III	4/22	18%	.80	25/36	69%	.71
IV	4/30	13%	.66	24/30	80%	.84

A leitura dos pesos relativos confirma a importância desse grupo de fatores, colocando de um lado a manutenção do referente (padrões I e II) e de outro a mudança (padrões III e IV) na realização da variável nas duas variedades. Embora a tendência seja a mesma, não se pode ignorar os valores percentuais obtidos para uma e outra. O PE, de fato, evita a expressão do pronome quando o referente se mantém, seja no mesmo período seja em períodos adjacentes (padrões I e II), com apenas 5% de sujeitos plenos. Em caso de mudança de referência, os índices de preenchimento variam entre 13% e 18%. Este é um comportamento extremamente coerente com o que se espera de uma língua de sujeito nulo (Lembre-mo-nos de que este grupo, tal como os dois outros apresentados, a seguir, não foi selecionado para o PE). Os índices percentuais para o PB, por outro lado, ainda mostram a força do padrão I na manutenção do sujeito nulo, com .24 de peso relativo e 27% de sujeitos preenchidos – o que não é pouco, se comparado ao percentual obtido para o PE. O padrão II já apresenta .48 de peso relativo e 50% de preenchimento, o que ainda indica sua atuação em favor do sujeito nulo; nos demais, já é claro o favorecimento do preenchimento na escrita dos jornais. A obser-

vação dos pesos relativos conjugada com o exame dos percentuais contribui para mostrar a força de fatores dentro do grupo, uns facilitando a implementação da mudança, outros retardando-a.

Vejam agora os resultados para o traço de animacidade do referente.

Tabela 7 – Sujeitos preenchidos de 3ª pessoa na escrita – PE e PB  
Traço de animacidade do referente

Traço de animacidade	PE			PB		
	Oco/tot	%	PR	Oco/tot	%	PR
[+animado]	12/186	6%	.47	94/170	55%	.58
[-animado]	5/58	9%	.59	28/71	39%	.32

Em relação ao PE, nem os pesos relativos nem os resultados percentuais revelam grande interferência do traço de animacidade no preenchimento do sujeito, confirmando sua não-seleção. Surpreende, entretanto, que o percentual de pronomes expressos retomando antecedentes não animados (9%, correspondendo a cinco ocorrências) seja superior ao encontrado para pronomes retomando antecedentes animados. Dessas cinco ocorrências, três aparecem no padrão IV, ou seja, o antecedente se encontra em outra função sintática, uma estrutura que favorece o preenchimento, como se viu na Tabela 6 acima:

- (9) a. Nesta proliferação cogumelizada dos atestados médicos, o problema é, antes de mais, ético e cívico. A ser verdade o que se diz, dará lugar a toda uma série [de perguntas incômodas]<sub>i</sub>. E [elas]<sub>i</sub> são incômodas porque acabam por espelhar perversamente a sociedade em que vivemos (PE – opinião).
- b. A razão é, simplesmente, que o desenvolvimento tornou [o trabalho]<sub>i</sub> agradável e [ele]<sub>i</sub> passou a ser uma forma lúdica de ocupar os tempos de lazer (PE – opinião).
- c. Feitas [as averiguações]<sub>i</sub>, e se [elas]<sub>i</sub> concluírem por uma confirmação dos indícios apresentados, não deixarão as áreas sindicais respectivas de edulcorar o sucedido (PE – notícia).

Além da mudança de referência, veja-se que em 9b e 9c, o uso do pronome é funcionalmente motivado, impedindo a interpretação ambígua que uma categoria vazia acarretaria. As duas outras ocorrências se

encontram dentro do padrão II, ou seja, em condições ideais para um sujeito nulo, e foram produzidas pelo mesmo autor, que descreve quatro artigos de forma simétrica. Na descrição de dois deles, ocorre o pronome expresso:

- (10)a. [O artigo II]<sub>i</sub> foi rejeitado por 229 votos contra 205. [Ele]<sub>i</sub> acusava Clinton de ter “conscientemente fornecido um falso testemunho (...) respeitante à natureza e aos detalhes da sua relação” com Mônica Lewinsky “e sobre os seus esforços de manipulação para influenciar” o seu testemunho quando foi interrogado sob juramento a 17 de janeiro, pelos advogados de Paula Jonas (PE – opinião).
- b. [O artigo IV]<sub>i</sub> foi rejeitado por 285 votos contra 148. [Ele]<sub>i</sub> acusava nomeadamente o Presidente de se ter “conduzido de uma maneira que levou a um mau uso e abuso das suas altas funções, influenciando a conduta da justiça e a conduta das investigações judiciais e contrariando a autoridade do poder legislativo” (PE – opinião).

Os resultados para o PB confirmam que a implementação do pronome pleno na escrita é facilitada pelo traço [+animado]; a distância de .26 entre os pesos relativos para referentes com traço [+animado] e [-animado] atesta essa correlação. Ressalte-se, entretanto, que 39% de sujeitos expressos com o traço [-animado] na escrita não é um número desprezível. Quando se cruzam essas ocorrências com o padrão sentencial, vê-se que no PB os sujeitos expressos com o traço [-animado] ocorrem em todos os padrões, tanto em contextos em que há manutenção do referente, como mostra (11a), quanto naqueles em que não há, como se vê em (11b):

- (11)a. [O governo]<sub>i</sub> não considera nem o fato de que os possíveis desvios, injustiças e exageros de que [ele]<sub>i</sub> tanto se queixa são criticados na própria imprensa (...) (PB – opinião).
- b. Ainda não se falava [na incrível sorte que acompanha Felipão]<sub>i</sub>. [Ela]<sub>i</sub> só ficaria evidente para os portugueses no jogo contra a Inglaterra (PB – opinião).

O terceiro grupo de fatores selecionado apenas para o PB, mostra que o verbo **ser**, ao contrário dos resultados obtidos por BRAVIN DOS SANTOS (2006) para a fala, é significativo na expressão do pronome nas duas variedades:

Tabela 8 – Sujeitos preenchidos de 3ª pessoa na escrita – PE e PB  
Verbo *ser* vs outros verbos

Fatores	PE			PB		
	Oco/tot	%	PR	Oco/tot	%	PR
Verbo <i>ser</i>	4/34	12%	.66	23/35	66%	.71
Outros verbos	13/210	6%	.47	99/206	48%	.46
	17/244	7%		122/241	51%	

Uma diferença é, entretanto, relevante: o pronome expresso com o verbo *ser* no PE ocorre no padrão IV (cf. exemplos 9a, 9b acima), uma restrição que não se verifica no PB, em que o pronome pleno com *ser* predomina sobre o nulo nos quatro padrões, respectivamente ilustrados abaixo:

- (12)a. Só o ministério parece não saber que por menor que seja [o cachê da Gaviões]<sub>i</sub>, [**ele**]<sub>i</sub> sempre será caro (PB – opinião).
- b. Celebridade mostra que [Gilberto Braga]<sub>i</sub> é um autor que sabe adaptar-se às novas regras do jogo. [**Ele**]<sub>i</sub> é um autor do tempo em que as novelas duravam 120 capítulos (PB – opinião).
- c. [Seu marido]<sub>i</sub> está sendo investigado há um ano. É a operação Gato Grande. Sabíamos que [**ele**]<sub>i</sub> era culpado (PB – notícia).
- d. Exige-se [o diploma]<sub>i</sub> desde outubro de 1969. [**Ele**]<sub>i</sub> é defendido enfaticamente por associações de profissionais, como a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) (PB – opinião).

Vejamos, finalmente, a tabela que apresenta os resultados para o único grupo de fatores selecionado para o PE: o gênero textual.

Tabela 9 – Sujeitos preenchidos de 3ª pessoa na escrita – PE e PB  
O Gênero textual

Gênero textual	PE			PB		
	Oco/tot	%	PR	Oco/tot	%	PR
Opinião	15/161	9%	.62	96/190	51%	.49
Notícia	2/83	2%	.28	26/51	51%	.54
	17/244	7%		122/241	51%	

Mesmo se se levar em conta a má distribuição dos dados entre opinião e notícia nas duas variedades, vê-se que apenas no PE há significativa diferença entre os gêneros, com **.34** de distância entre os pesos. Para o PB não há qualquer diferença, o que explica sua não-seleção e ratifica a superioridade da atuação de fatores lingüísticos sobre os extralingüísticos no processo de mudança em curso.

### 3. Sujeitos de referência arbitrária

#### 3.1 Fala

Os resultados das análises que investigam as estratégias para indeterminar o argumento externo<sup>8</sup> na língua oral em sentenças finitas<sup>9</sup> e sua forma de realização – plena ou nula – provêm das mesmas amostras que serviram à análise do sujeito de referência definida, excetuando-se as notícias, que não favorecem o uso da indeterminação. Entre as estratégias levantadas estão o uso de **se** (indeterminador/apassivador) e as formas pronominais nominativas (**você, a gente, nós, eles, tu**), nulas ou plenas. Embora se possa questionar até que ponto essas estratégias constituem uma variável sociolingüística, é verdade que, apesar de algumas veicularem um grau maior de indeterminação do que outras e de umas se prestarem a funções discursivas mais específicas, é possível encontrá-las em variação, como se verá a seguir.

Começemos por examinar as estratégias encontradas na fala, apresentadas na Tabela 10:

Tabela 10 - Estratégias de indeterminação do argumento externo em sentenças finitas na fala

Variedade	Se	(eles)	(a gente)	(nós)	(você)	(tu)	zero	Total
PEuropeu	36 ( <b>38%</b> )	20 ( <b>22%</b> )	18 ( <b>20%</b> )	12 ( <b>14%</b> )	5 ( <b>6%</b> )	–	–	91 ( <b>100%</b> )
PB (NURC)	26 ( <b>8%</b> )	50 ( <b>16%</b> )	41 ( <b>13%</b> )	8 ( <b>2%</b> )	140 ( <b>44%</b> )	–	56 ( <b>17%</b> )	321 ( <b>100%</b> )
PB (PEUL) Anos 80	18 ( <b>2%</b> )	104 ( <b>13%</b> )	117 ( <b>15%</b> )	11 ( <b>1%</b> )	391 ( <b>49%</b> )	6 ( <b>0,7%</b> )	152 ( <b>19%</b> )	799 ( <b>100%</b> )
PB (PEUL) Ano 2000	11 ( <b>2%</b> )	84 ( <b>3%</b> )	131 ( <b>21%</b> )	31 ( <b>5%</b> )	284 ( <b>45%</b> )	14 ( <b>2%</b> )	74 ( <b>12%</b> )	629 ( <b>100%</b> )

Entre as formas apresentadas na primeira linha, encontram-se entre parênteses aquelas que podem se apresentar nulas ou plenas. Assim como se verificou em relação ao sujeito de referência definida, aqui também fica evidente a diferença entre PE e PB: naquela variedade, o uso de “se” para indeterminar o argumento externo é a estratégia mais freqüente (38%), enquanto no PB está entre as menos freqüentes tanto na fala culta (8%) quanto na popular (2%). Vejamos alguns exemplos do uso dessa estratégia:

(13)a. **se** gostou uma vez de uma coisa, tem que **se**<sub>i</sub> continuar fiel àquele estilo. (PE)

b. Antigamente jogava-**se** futebol na rua Visconde Silva. (NURC)

c. Normalmente na parte da manhã **se** faz melhor pescaria. (PEUL)

A estratégia preferida no PB, por outro lado, **você**, com 44% na fala culta (14b) e 49% e 45% na popular (14c), é a menos utilizada no PE, com 6% (14a):

(14)a. [**Você**]<sub>i</sub> é um encarregado. [Ø]<sub>i</sub> É um indivíduo que pretende que o serviço se faça. Tudo aquilo que travar a sua atividade e a prejudicar incomoda-o se [Ø]<sub>i</sub> for responsável, se tiver [Ø]<sub>i</sub> brio profissional. Claro, [Ø]<sub>i</sub> podia perfeitamente não ligar peva (PE).

b. [**Você**]<sub>i</sub> quando [**você**]<sub>i</sub> viaja, [**você**]<sub>i</sub> passa a ser turista. Então [**você**]<sub>i</sub> passa a fazer coisas que [**você**]<sub>i</sub> nunca faria no Brasil (NURC).

c. [**Você**]<sub>i</sub>, a partir de 29 anos, [**você**]<sub>i</sub> é considerada velha aqui no Brasil pra arrumar emprego (PEUL).

Observe-se que, no PE (14a), o sujeito de referência arbitrária se comporta tal como o definido: é expresso apenas na primeira menção e, nas sentenças seguintes, é nulo. No PB, temos uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito, confirmando que a mudança atinge também os sujeitos referenciais indeterminados. Essa assimetria entre PE e PB se confirma com as demais formas nominativas de indeterminação do argumento externo, como **a gente**, **nós** e **tu**, como se verá a seguir.

Vejamos as demais estratégias. Na Tabela 10, a segunda estratégia na fala lusitana é o uso da 3ª pessoa do plural, representada propositadamente pelo pronome (eles) entre parênteses para mostrar que seu apagamento já é opcional no PB. Essa forma, com expressivo percentual no PE (22%), aparece com 16%, 13% e 3% no PB.

- (15)a. [Ø]<sub>i</sub> Não falavam em tapeçaria nessa altura; [Ø]<sub>i</sub> só se referem a uns leves trabalhos, [Ø]<sub>i</sub> nem sequer [Ø]<sub>i</sub> dizem a palavra bordado (PE).  
 b. **Eles** deixavam na vila olímpica um monte de bicicletas (NURC).  
 c. Às vezes pelo fato da pessoa ser nascido e criado em morro **eles** acham que é tudo mau elemento (PEUL).

Veja-se que em todas as ocorrências o uso da 3ª pessoa do plural poderia perfeitamente ser substituído por “se”, por exemplo. Note-se ainda o pronome nulo em (15a) e o pronome expresso em (15b) e (15c). O mesmo será observado nos exemplos que ilustram o uso de **a gente** e **nós**: a primeira estratégia aparece com 20% no PE e com 13%, 15% e 21% no PB; a segunda é menos freqüente nas duas variedades, mas, ainda assim, chega a 14% no PE e fica entre 5% e 1% no PB.

Os baixos índices do pronome (nós) na fala brasileira estão em consonância com os resultados de trabalhos que mostram seu quase desaparecimento, tanto para a referência definida quanto para a arbitrária (cf. OMENA, 1986; LOPES, 1993, entre outros). Vejamos os exemplos que ilustram as duas estratégias:

- (16)a. Mas **a gente**<sub>i</sub> pode ter a sua formação política, até séria e consciente. Agora, quando em atividade artística [Ø]<sub>i</sub> quer criar e quer erguer problemas humanos com certa profundidade, [Ø]<sub>i</sub> tem que erguer aqueles que [Ø]<sub>i</sub> conhece... (PE).  
 b. Hoje em dia, quando **a gente** levanta as coisas, é que **a gente** vê tudo o que aconteceu. Mas na época **a gente** não podia acreditar. **A gente** não acreditava nisso, primeiro porque **a gente** era novo (NURC).  
 c. **A gente** tem que seguir o que **a gente** sabe e da forma que **a gente** foi criado (PEUL).
- (17)a. Outras vezes até [Ø]<sub>i</sub> vamos reajustar o nosso gosto. Às vezes até falta de conhecimentos. Depois [Ø]<sub>i</sub> contactamos com pessoas que têm até melhor gosto do que nós, que são indivíduos sensíveis (...) e [Ø]<sub>i</sub> aprendemos. (PE)  
 b. Agora mesmo **nós** estamos em época de festividades... (NURC)  
 c. Este semestre agora que **nós** tamos: trancado de novo. [Ø]<sub>i</sub> Estamos vivendo em um mundo de cão. (PEUL)

O uso de **tu** aparece apenas na amostra PEUL, com percentuais muito baixos, 0.7% e 2%, nas amostras 80 e 2000, respectivamente, mas aparentemente ensaiando seu renascimento na fala carioca, em variação com **você**, confirmando a hipótese de PAREDES SILVA (2003). O exemplo ilustra a concorrência entre **você** e **tu** com referência arbitrária:

(18) **Você**<sub>i</sub> tem que sair (...) Tudo isso **você**<sub>i</sub> tem que fazer, [Ø]<sub>i</sub> não pode parar assim. **Tu**<sub>i</sub> não morreu, pô! [Ø]<sub>i</sub> Aposentou, mas **tu**<sub>i</sub> ‘tá vivo, pô! (PEUL).

Finalmente, passemos à estratégia indicada na Tabela 10 sob o rótulo “zero”, caracterizada pela ausência de qualquer pronome e utilizada em contextos habituais (ex. 19a) ou genéricos (19b) (cf. CAVALCANTE, 2006), como se vê em (19), a seguir. Como mostra a tabela acima, o PE não utiliza tal estratégia e sua ocorrência no PB fica bem próxima nas três amostras analisadas (17%, 19% e 12%):

(19)a. [Ø] Não **vê** mais amolador de faca (NURC).

b. [Ø]<sub>i</sub> **Põe** um pouquinho de ‘Só Alho’, aí [Ø]<sub>i</sub> **põe** óleo e [Ø]<sub>i</sub> **põe** um pouquinho de cebola, [Ø]<sub>i</sub> **pica** a cebola, [Ø]<sub>i</sub> **faz** uma macarronada (PEUL).

Pode-se dizer, em resumo, que dois aspectos distinguem PE e PB no que se refere à indeterminação: a ausência da estratégia com “zero” no PE e a baixíssima ocorrência do clítico **se** no PB. Todas as formas pronominais nominativas podem ser usadas nas duas variedades, mas há uma diferença no uso dessas formas, não só em termos quantitativos: o PE obedece ao princípio “evite pronome”, optando pelo pronome nulo. De fato, enquanto no PB o índice de sujeitos preenchidos (você, nós, a gente, eles) é de 33%, no PB estes índices ficam entre 80% e 86% nas três amostras. A fala carioca, culta e popular, não se distingue em relação à escolha das estratégias e à sua forma de representação.

### 3.2 A Escrita

Ao contrário do que se viu em relação aos sujeitos de referência definida – em que a fala e a escrita do PE revelam uma gramática típica de língua de sujeito nulo e a fala e a escrita do PB, outra gramática, apesar de haver uma gradação no que diz respeito à implementação do pronome pleno de 3ª pessoa nas diferentes amostras – a análise dos sujeitos

de referência arbitrária na escrita padrão mostra que a escrita dos jornais brasileiros, nos gêneros focalizados, não se aproxima da fala; ao contrário, privilegia as mesmas formas utilizadas pelo PE: o clítico **se** e as formas de primeira e 3ª pessoas do plural com o pronome preferencialmente nulo. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 11 - Estratégias de indeterminação em sentenças finitas na escrita

Variedade	Você	Eles	A gente	Se	Nós	Total
PE	–	11 4%	–	181 69%	72 27%	264 100%
PB	7 3%	29 11%	13 (5%)	97 36%	122 45%	268 100%

O PE confirma na escrita o que já tinha sido apontado para a fala: o clítico **se** é a estratégia mais freqüente (69%). Em relação ao PB, vê-se que a pressão normativa em favor do uso de **se**, se não o coloca como primeira opção, consegue recuperar com êxito (36%) uma variante tão distante da fala: o uso da primeira pessoa do plural com o pronome preferencialmente nulo, aqui também contrariando a tendência da fala aos pronomes expressos. Tal uso, não listado entre as estratégias de indeterminação nas gramáticas normativas – talvez por incluir o falante –, concorre em igualdade de condições com o clítico **se**. Vejam-se alguns exemplos:

- (20)a. Neste tempo onde **se** anuncia a morte das utopias, parece-me evidente que Santana é bastante mais utópico do que Sócrates. (PE – opinião)
- b. Em nenhum outro país **se** dá mais importância ao IDH do que no Brasil. (O Globo)
- (21)a. [Ø]<sub>i</sub> Vivíamos, portanto, atrasados ou adiantados, dependendo do saber de quem lia o relógio ou das vontades incontroláveis da natureza. (PE – opinião)
- b. Realmente não existe mais ética neste país, nenhum princípio moral, nenhum caráter, [Ø]<sub>i</sub> vivemos numa total inversão de valores. (PB – opinião)

Essa concorrência entre **se** e **nós** é recorrente na história do PB. CAVALCANTE (1999) encontra praticamente os mesmos índices das duas

estratégias em textos jornalísticos escritos no século XIX (editoriais, textos de opinião e crônicas), um resultado confirmado por DUARTE; LOPES (2003) em cartas de leitores e redatores publicadas em jornais do mesmo século. A partir do século XX, Cavalcante observa um aumento progressivo no uso de **se**, chegando ao final do século (textos escritos entre 1996 e 1998) com um índice três vezes maior que o de **nós**. Essa ampla preferência por **se** sobre **nós** é confirmada por COUTO (2004) nos mesmos gêneros estudados por CAVALCANTE em jornais cariocas publicados durante o ano de 2003. Tais resultados aproximam ainda mais o PB padrão do PE. Na amostra do PB que serviu a este trabalho, entretanto, a mesma concorrência encontrada em fins do século XIX se mantém.

O uso da 3ª pessoa do plural, uma estratégia que sempre se mantém em patamares mais baixos nos trabalhos diacrônicos citados, é mais expressivo no PB, na presente amostra, :

- (22)a. Eis que a breve meditação já está a ser interrompida; [Ø], põem à frente de Saramago um jovem artista sueco com dois metros de altura e cabelos negros espetados em forma de pequenas pirâmides. (PE – opinião)
- b. [...] o assalto ao Banco Central nos reassegura que ainda [Ø], fazem assaltos em moldes clássicos. (PB – opinião)

As estratégias com **você** e **a gente**, ausentes na escrita do PE, já começam a se implementar na escrita do PB, mas muito lentamente, e preferencialmente nas crônicas, um texto que é também opinativo, mas de natureza mais leve que os textos de opinião aqui examinados:

- (23) É muito chato assistir a um filme, quando **você** já conhece o final. (PB – crônica)
- (24) **A gente** pode não saber, mas a natureza sabe do que é capaz numa ínfima fração de minuto (...). (PB – crônica)

#### 4. Discussão

A análise aqui apresentada permite dois tipos de reflexão. Em primeiro lugar, revela como se dá a implementação da gramática da fala na escrita: os sujeitos de 3ª pessoa já se encontram em franco processo de realização plena nesta modalidade e os fatores que facilitam ou inibem a imple-

mentação da variante inovadora na fala têm a mesma significância na escrita. Enquanto o PE apresenta um índice de 7% de sujeitos pronominais expressos, o PB já alcança 51%.

O quadro não é o mesmo, contudo, em relação aos sujeitos de referência arbitrária. O que explicaria essa preferência por formas quase extintas na fala dos não-escolarizados e raras na fala dos cultos? Uma possível explicação estaria na menor saliência de um pronome pessoal de 3ª pessoa expresso se comparado ao uso de formas pronominais nominativas de indeterminação, sentidas como mais novas no sistema e muito criticadas em colunas de jornais conservadoras, escritas por indivíduos que pouco conhecem sobre mudança lingüística. Acrescente-se a insistência dos professores que preparam alunos para o ingresso nas universidades, com ênfase no treinamento da produção de textos argumentativos, que têm, em geral, um sujeito indeterminado. A recomendação para que se evitem formas como “a gente” e “você” é insistentemente repetida. O pronome de referência definida, por sua vez, não parece ser tão notado a ponto de fazer parte das recomendações dos professores, particularmente os mais jovens. Percebe-se, pois, que a implementação das estratégias de indeterminação da fala na escrita vai ser muito lenta, mas já encontrou sua porta de entrada nos textos considerados menos formais, como as crônicas.

Outra reflexão importante diz respeito a duas questões levantadas por KATO (2005): qual a natureza do conhecimento lingüístico do indivíduo letrado? Como ele atinge esse conhecimento? Para a autora, uma resposta a essas questões não só é importante para estudos sobre a aquisição e o ensino, mas também para que se conheça a natureza da língua escrita e, conseqüentemente, dos corpora utilizados em estudos sincrônicos e diacrônicos.

De fato, é grande a distância que separa a gramática da fala e a da norma culta escrita prescrita no Brasil e é notória a falta de estudos comparativos entre o conhecimento que a criança leva para a escola e o conhecimento do indivíduo letrado. A comparação aqui apresentada, por exemplo, não revela diferenças significativas entre fala e escrita no PE. No PB, por outro lado, a distância no que diz respeito ao sujeito referencial definido não chega a se mostrar excepcional. Em relação à indeterminação, porém, vemos duas gramáticas realmente distintas e constatamos que o

letramento recupera formas praticamente ausentes da fala. O indivíduo (letrado ou não) elegeu “você” para indeterminar o argumento externo na fala, mas, ao escrever, o letrado utiliza “se” e “nós”, utilizando-as esporadicamente na fala espontânea. Vejam-se os baixíssimos índices de uso de “se” e “nós” na fala culta carioca (amostra NURC).

Além disso, a comparação entre a escrita de PE e PB revela que a gramática do indivíduo letrado brasileiro nem é igual à de sincronias passadas do PB nem reproduz fielmente a do PE contemporâneo, que serviu de modelo à norma culta prescrita em nossas gramáticas, confirmando aqui a hipótese levantada por KATO (2005). KATO; CYRINO; CORREA (1994), a propósito da aprendizagem do clítico acusativo de 3ª pessoa, mostram que, se a escola consegue recuperar o pronome com índices próximos aos encontrados por CYRINO (1997) em amostras do século XVI, há importantes restrições quanto ao tipo de contexto em que o clítico é recuperado. Essas mesmas restrições aparecem no uso do clítico acusativo pelos letrados adultos, como mostram KATO; RAPOSO (2001) e FREIRE (2005), entre outros.

No caso das estratégias de indeterminação, dados de redações de vestibulandos fornecem interessantes evidências da absoluta falta de familiaridade do estudante com elas. Veja-se o exemplo a seguir:

(25) Não **se** sobra tempo para **se** fazer mais nada<sup>10</sup>.

Na tentativa de atingir o tom de formalidade “exigido” pelo texto argumentativo, o aluno utiliza o “se” em dois contextos não previstos pelas gramáticas normativas. No primeiro caso, usa o “se” com um verbo inacusativo, cujo sujeito “tempo” (argumento interno de “sobrar”) se encontra em posição pós-verbal. Além de revelar a pouca familiaridade com o uso do clítico, a ocorrência traz subsídios para o estudo da mudança na representação do sujeito pronominal e da estrutura dos verbos inacusativos (DUARTE; SOARES, 2005): o aluno preenche a posição disponível à esquerda de V, uma posição não argumental, mas importante para um sistema que tende a realizar lexicalmente o sujeito. O segundo clítico representa o argumento externo do verbo “fazer” no infinitivo, um uso que, conforme a tradição gramatical constitui “uma inutilidade que nenhum valor semântico ou sintático acrescenta à sentença” (cf. ALMEIDA; 1911, p. 221)<sup>11</sup>. Na verdade, não só este “se” tem valor semântico, ao indeterminar o argumento externo de “fazer”, como também cumpre a

função de explicitar formalmente esse argumento num sistema que, como dissemos, cada vez mais exige sujeitos explícitos. Na impossibilidade de usar “você”, por força da formalidade do texto argumentativo, o aluno recorre ao “se”.

Para responder à segunda questão (como o letrado atinge esse conhecimento?), Kato assume que há, de fato, um acesso indireto à Gramática Universal. Segundo a autora, formas de uma gramática em desuso, com valores opostos aos da gramática nuclear, podem estar numa periferia marcada e ser acionadas durante o processo de escolarização. Essas formas seriam resíduos de mudança, armazenados por crianças expostas a leituras de contos infantis, textos religiosos, orações, canções, versinhos, provérbios, entre outros. Assim, a gramática do letrado seria fixada de forma diferente da nuclear, mas com acesso a um conhecimento periférico à Gramática Universal: ao invés de selecionar todas as propriedades de um parâmetro, o indivíduo seleciona apenas uma delas, e de forma não idêntica aos portugueses ou falantes brasileiros do século XIX. Para a autora, essa G2 seria, pois, um subproduto da Gramática Universal.

Em suma, no caso da escrita dos jornais aqui utilizados, vê-se, de um lado, uma gramática inovadora, que já **incorpora** sujeitos referenciais plenos, sem “reproduzir”, contudo, os mesmos índices da fala; de outro, tem-se uma gramática mais conservadora, que **recupera** formas de indeterminação em desuso e faz ressurgir, além do clítico **se**, o pronome **nós**, que mantém o nível de formalidade desejado e não envolve a complexidade do clítico, que tem posição variável em relação ao verbo e aciona estruturas passivas, de difícil aprendizagem para um falante cuja gramática nuclear, além de não apresentar mais o clítico, tampouco atribui o estatuto de sujeito a um SN posposto ao verbo. A comparação entre fala e escrita, nesse sentido, é uma estrada de mão dupla, com benefício tanto para o estudo das perdas e ganhos, fruto da mudança, como também da forma pela qual se dá a (parcial) recuperação de estruturas extintas da fala, fruto da aprendizagem.

## Notas

<sup>1</sup>A pesquisa contou com o apoio de bolsa de produtividade CNPq (Proc. no. 35 07 31/99-3) e se refere a parte do projeto desenvolvido entre março de 2003 e fevereiro de 2006, com a participação, em diferentes momentos, de três bolsistas de IC/CNPq: Juliana Espósito Marins, Danielle de Rezende Santos e Fernando Pimentel Henriques.

- <sup>2</sup> A amostra para a análise do PE provém de textos retirados, através da Internet, dos jornais Público, Expresso, Diário de Notícias e Jornal de Notícias, entre 2000 e 2005.
- <sup>3</sup> Além do Estudo de Tendência, que analisa a fala da comunidade em duas amostras estratificadas segundo as mesmas variáveis sociais em dois momentos, o estudo da “mudança em tempo real de curta duração” (LABOV 1994) também se faz através do estudo do comportamento do mesmo indivíduo em dois momentos separados no tempo, a que nos referimos como Estudo de Painel (Sobre a conjugação dos dois tipos de estudos, cf. PAIVA; DUARTE, 2003).
- <sup>4</sup> “Roughly speaking, the use of pronounced material is legitimate only when necessary to convey the intended meaning, within the constraints of UG and of the particular grammar. This implies that, given the existence of a zero pronominal option, in languages like Italian, the overt form will be limited to the cases in which it is necessary, i. e., when the pronominal subject, being focal or contrastive must bear stress (evidently, the zero element cannot bear stress).” (RIZZI, 1988, p. 15).
- <sup>5</sup> Esses resultados só vêm confirmar que no PB a identificação dos sujeitos nulos que ainda ocorrem não é mais feita via flexão verbal, corroborando a hipótese de que a mudança atinge todo o paradigma, embora ainda se encontre na desinência <-mos>, de uso cada vez mais raro, principalmente pelos mais jovens, nos centros urbanos, um certo resíduo de favorecimento ao sujeito nulo em relação às demais (cf. DUARTE, no prelo).
- <sup>6</sup> A escala obtida para grupos de diferentes faixas etárias tem sido referida na literatura variacionista como “gradação etária” e é sugestiva de mudança em “tempo aparente” (cf. LABOV, 1972; NARO, 2003). Somente o estudo da mudança em “tempo real” (LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003) pode confirmar se se trata de “mudança geracional” (Cf. nota 3).
- <sup>7</sup> Os pesos para os fatores **não** selecionados para o PE e para o PB foram retirados do primeiro nível do *stepdown*.
- <sup>8</sup> A utilização do termo “argumento externo” em vez de “sujeito” parece mais adequada porque permite que se inclua(m) entre os casos de indeterminação com “se” tanto aqueles em que se tem um “se” apassivador quanto aqueles em que se tem um “se” indeterminador, uma vez que, em ambos os casos, o que ocorre é a suspensão do argumento externo do verbo.
- <sup>9</sup> A indeterminação do argumento externo em sentenças não finitas está sendo investigada nas amostras que servem à presente análise, a partir de resultados diacrônicos de NUNES (1990), CAVALCANTE (1999, 2006), DUARTE (2003), DUARTE; LOPES (2003).
- <sup>10</sup> Agradeço o exemplo a Carolina Ribeiro Serra, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.
- <sup>11</sup> O mesmo gramático (ALMEIDA, 1969, p. 204-205), que apelida este “se” com infinitivo de “intrometido”, exemplifica a “impessoalização” dos verbos *ser e estar*, utilizando exemplos de “bons autores”, entre os quais “Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido” (M. Barreto), sem se dar conta de que se trata exatamente do uso que acabou de condenar.

## Definite and arbitrary subjects: Conservative and innovative aspects in standard writing

**Abstract** – The article compares the representation of third person pronominal subjects and arbitrary subjects in newspaper writing with results from spoken language. As regards referential subjects, written language shows an innovative grammar, which incorporates changes implemented in speech without reproducing the same rates. As for arbitrary subjects, however, writing reveals a conservative grammar, which recovers forms almost completely absent from speech, such as the indefinite clitic *se* and the pronoun *nós* (we), which seems to keep the “required” formality without involving the complexity of the clitic. The results bring evidences for Kato’s (2005) hypothesis, according to which the acquisition/learning of grammar by literate individuals involves a sort of access to UG peripheral knowledge.

**Key words** – Speech and writing. Referential subjects. Parametric change. Null subject parameter. L2 acquisition.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, N.M. de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 22. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 1969.

\_\_\_\_\_. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1911.

BARBOSA, P.; DUARTE, M.E.L.; KATO, M.A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.

\_\_\_\_\_. A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA. 16., 2001, Lisboa. *Actas...* 2001, p. 539-550.

BRAVIN DOS SANTOS, A.M. *O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: Um estudo em tempo real*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2006.

CAMERON, R. Ambiguous agreement, functional compensation, and nonspecific *tú* in the Spanish of San Juan, Puerto Rico and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, v. 5, p. 305-34, 1993.

CAVALCANTE, S.R. de O. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: A imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobre a interpretação arbitrária do sujeito nulo no PB*. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006. (Manuscrito)

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

COUTO, M.A. de S. *Estratégias pronominais de indeterminação do agente*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil*. Londrina: UEL, 1997.

CYRINO, S; DUARTE, M.E.; KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

DUARTE, M.E.L. Do pronome nulo ao pronome pleno: A trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (eds.) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 107-128.

\_\_\_\_\_. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado), UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. The loss of the Avoid Pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Madrid/Frankfurt: Iberoamerica/Vervuert.. 2000, p. 17-36.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M.C. de; DUARTE, M.E.L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, 115-128.

\_\_\_\_\_. On the embedding of a syntactic change. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGE VARIATION IN ENGLISH. 2., 2004,. Papers from ICLaVE2 – Second: *Language Variation in Europe*. Uppsala, Sweden: Universitetstryckeriet, 2004, p.145-155.

\_\_\_\_\_. Sujeito nulo/pleno e marcas de concordância. In: VOTRE, J.; RONCARATI, C. (orgs.) *Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, no prelo.

DUARTE, M.E.L.; LOPES, C. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. In: DUARTE, M.E.L.; CALLOU, D. (orgs.). Para a História do Português Brasileiro. v. 4. *Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, p. 155-165.

DUARTE, M.E.L.; SOARES, H. From VS to SV order with unaccusative verbs in Brazilian Portuguese. In: NWAV-NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION. 34., October 20-23, 2005, New York.

FREIRE, G.C. *Os clíticos de 3ª pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2005.

KATO, M.A. A gramática do letrado: Questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M.A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, S.A. (orgs.). *Ciências da Linguagem: Trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005, p. 131-145.

KATO, M.A.; CYRINO, S.M.L.; CORREA, V. The recovery of diachronic losses through schooling. In: NWAWE. 23., 1994, U. of Pennsylvania.

KATO, M.A.; RAPOSO, E. O objeto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: Convergências e divergências. In: Encontro Nacional da APL. 16., Lisboa. *Actas...* 2001, p. 673-685.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C.R. “Nós” e “a gente” no português falado culto. Dissertação (mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1993.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLIKA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 43-50.

NASCIMENT, M.F.B. et al. *Português Fundamental*. v. 2.: *Métodos e documentos*. t. 1.: *Inquérito de frequência*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação

Científica – Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1987.

NUNES, J.M. O famigerado se: Uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. Dissertação (Mestrado). Campinas: UNICAMP, 1990.

OMENA, N.P. de. A referência à 1ª pessoa do plural. Relatório final. In: *Subsídios do 'Projeto Censo' à Educação*. v. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986, p. 286-319.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M.E.L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003.

PAREDES SILVA, V. L. Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal. Tese de doutorado, UFRJ, 1988.

\_\_\_\_\_. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: Uma análise em tempo real. In: PAIVA, M.C. de; DUARTE, M.E.L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, p. 97-114.

\_\_\_\_\_. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 160-169.

RIZZI, L. *The new comparative syntax: Principles and parameters of universal grammar*, 1988. (Manuscrito).

Recebido e aprovado para publicação em maio 2007